



Angústia

Graciliano Ramos

A época: o segundo tempo modernista no Brasil

O Modernismo brasileiro, movimento artístico nascido em 1922, teve em sua primeira geração o arroubo da novidade. A rigor, o movimento viera com disposição de aniquilar o ideário precedente, de romper abruptamente com o passado mais absoluto. Se o Romantismo propusera a disponibilidade de regras e modelos, como apregou Vítor Hugo, na França, fê-lo com relação ao modelo clássico. O Modernismo, entretanto, intenta romper com toda e qualquer estrutura passadista. Daí o "escândalo" provocado pela Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922.

Passado o calor da primeira fase, observa-se, a partir de 1930, uma postura modernista mais equilibrada: uma postura que, em lugar de se prender pura e simplesmente aos processos de desintegração do passado, torna-se mais voltada para a sobriedade, para um certo equilíbrio emocional, para uma ótica de crítica social e política e pelo interesse de uma visão de conjunto da realidade nacional.

Dessa forma, procuram-se consolidar as conquistas de 1922, absorvendo as novas formas e a liberdade de expressão e recuando em relação às propostas mais radicais. O plano ideológico vai sobrepor-se ao plano estético, enquanto a temática amplia-se, caminhando para o universal. Assim, a produção literária percorre caminhos diferentes, que ilustram a riqueza e a fecundidade do período, em que se destacam:

- A poesia de cunho filosófico-ideológico de Carlos Drummond de Andrade;
- A poesia de cunho espiritualista católico do grupo "Festa", em que se reuniram nomes como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt;
- A poesia de inspiração surrealista de Murilo Mendes;
- A prosa psicológica de caráter intimista e introspectivo cultivada por Érico Veríssimo (em sua obra urbana), Otávio de Faria, Cornélio Pena, Lúcio Cardoso e Cyro dos Anjos, entre outros.
- A prosa regionalista nordestina, de cunho neorrealista, que reuniu o chamado "grupo do nordeste", com autores como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Américo de Almeida, e da qual o maior nome é, sem dúvida, Graciliano Ramos.

Como se vê, se de um lado o romance de 30 retalha e analisa a questão social do país, de norte a sul, por outro também reflete de maneira mais detida sobre o comportamento humano moral e psicológico.

O crítico Alfredo Bosi assim se refere à época:

"Os decênios de 30 e de 40 serão lembrados como a "era do romance brasileiro", e não só da ficção regionalista, mas também da prosa cosmopolita e das páginas de sondagem psicológica e moral.

Os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim, por uma certa retomada do naturalismo. E ao realismo científico e impessoal do século XIX nossos romancistas preferiram uma visão crítica das relações sociais.

No caso do romance psicológico, caíram as máscaras mundanas que empetecavam as histórias medíocres da belle époque: agora a introspecção seria feita no esteio da Psicanálise.

Socialismo, freudismo, catolicismo existencial: eis as chaves que serviram para a decifração do homem em sociedade e sustentariam ideologicamente o romance empenhado desses anos fecundos para a prosa narrativa."

O contexto histórico: revoluções, eleições e constituições

No ano de 1929 ocorre o *crack* da Bolsa de Nova Iorque, o que vai afetar violentamente o preço do café, principal produto de exportação do Brasil. No ano de 1930, Getúlio Vargas lidera uma revolução no Rio Grande do Sul, contra o governo de Washington Luís. Com apoio da Paraíba e de Minas Gerais, Washington Luís é deposto em pouco tempo, assumindo o governo do país uma junta militar provisória. É dissolvido o Congresso Nacional e, à exceção de Minas Gerais, os Estados passam a ser governados por interventores federais nomeados. Getúlio Vargas é aplaudido no Rio Grande do Sul e a nação apoia um governo revolucionário. O país entra em crise, enfrentando greves, tumultos. Os estoques de café, para garantia de preço, são queimados.

Em São Paulo, 1932, eclode a Revolução Constitucionalista, que defende a autonomia dos Estados. São Paulo perde a luta.

No ano seguinte, 1933, realizam-se eleições para formar a Constituinte. Em 1934 é promulgada a nova Constituição Brasileira. Getúlio Vargas vai à presidência da República. Em 1935, aprova-se a Lei de Segurança Nacional, dando ao governo poderes de repressão das atividades consideradas subversivas. O operariado entra em greve por todo o país. Há revoluções no Norte e no Nordeste. Decreta-se o estado de sítio no Brasil. Nessa época, 1936, Graciliano Ramos e outros companheiros comunistas — entre eles o chefe do Partido, Luís Carlos Prestes, — são presos no Rio de Janeiro.

Getúlio implanta o Estado Novo, em 1937, por meio de nova Constituição, de feitio fascista. Vários são os problemas político-sociais ocorridos entre 1939 — início da Primeira Guerra Mundial — e 1945, ano do término do flagelo e da deposição de Vargas, chegando ao fim o Estado Novo. Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente da República.

No plano cultural, o período vivencia a popularização do futebol e a oficialização do carnaval e corresponde à época áurea do rádio, o primeiro meio de comunicação de massa no Brasil; cultiva-se o samba-canção e pontificam autores como Noel Rosa, Pixinguinha, Ataulfo Alves, Dorival Caymmi, Francisco Alves, Carmem Miranda, Vicente Celestino.

O romance regionalista nordestino

O romance cultivado no segundo tempo modernista sofre influências do Realismo-Naturalismo do Século XIX. É por essa razão que essa geração é também chamada de Geração Neorrealista. Produz-se, assim, uma prosa compromissada, engajada, que se marca pela análise, crítica e denúncia social, sugerindo a procura de soluções para as questões apresentadas e que se vai apoiar nos pressupostos herdados do século XIX: o psicologismo associado à dramaticidade das vicissitudes do homem.

Nesse berço, viceja a prosa voltada para o regionalismo nordestino, em busca da retratação de uma realidade dura: a vida agreste daquela região. Há uma abordagem de crítica social, analisando as consequências da seca, da natureza patriarcal instaurada e do coronelismo vigente, mas em deterioração.

Essa visão de análise social e política aponta para uma retomada dos temas abordados pelo Realismo-Naturalismo, abandonando, contudo, o cientificismo e o determinismo que apoiaram a literatura do século precedente. É o chamado Neorrealismo, surgido com o "Grupo Regionalista do Recife", em 1928.

Tem-se, entre José Américo de Almeida (*A bagaceira*), Rachel de Queiroz, (*O quinze*), e Jorge Amado (*Cacau*, *Jubiabá*), José Lins do Rego e Graciliano Ramos como os grandes expoentes dessa tendência, sendo Graciliano considerado o maior dos neorrealistas.

O autor

Nasceu em 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrângulo, Alagoas. Aos dois anos de idade, muda-se com a família para Pernambuco. Logo depois, no mesmo ano, retorna para Alagoas, residindo, até 1914, em Viçosa e em Palmeira dos Índios. Filho de comerciante, na empresa do pai estuda e trabalha. Em 1914

vai para o Rio de Janeiro. No ano de 1915 retorna a Palmeira dos Índios, onde se casa com Maria Augusta Barros, a qual morre no ano de 1920. Trabalhando no comércio, Graciliano colabora com a imprensa local. No ano de 1928, o romancista casa-se novamente, e é eleito prefeito de sua cidade. Nesse período conclui a escritura do romance *Caetés*.

Renunciando ao cargo de prefeito, transfere-se para a capital alagoana e é nomeado diretor da Imprensa Oficial. Em 1931, demite-se do cargo. No ano de 1932, está de volta a Palmeira dos Índios, funda uma escola e escreve sua obra *São Bernardo*, publicada em 1934. Em suas idas e vindas, termina, em 1933, novamente em Maceió e é nomeado diretor da Instrução Pública. Suas ideias políticas revolucionárias resultam a prisão e demissão do cargo público no Rio de Janeiro, no ano de 1936. Posto em liberdade no ano seguinte, fixa residência no Rio de Janeiro. Em 1938 publica *Vidas Secas*.

Um ano depois, 1939, ascende ao posto de inspetor federal de Ensino. Filia-se ao Partido Comunista em 45, visita a Tchecoslováquia e a URSS em 1952. Falece no Rio de Janeiro, em 20 de março de 1953.

O enredo

Segundo muitos estudiosos, *Angústia* é romance de intensa complexidade técnica; obra maior do autor, de acordo com o Professor Massaud Moisés.

Publicado em 1936, é o último dos romances de Graciliano Ramos que apresenta foco narrativo em primeira pessoa, e contém o relato das experiências — sobretudo psicológicas — de uma personagem incompatibilizada com o universo interior e exterior em que habita.

Luís da Silva — personagem principal — tem suas origens num meio rural já improdutivo. Carregado de mágoa, sofrimento e inveja, vê a vida e a si próprio como um fardo; odeia a todos e a si mesmo. O narrador carrega nas tintas que vão produzir o mais acabado tipo de frustração e inconformismo, um desfiar de insucesso, próprio de quem nasceu estigmatizado.

O início da narrativa apresenta ao leitor uma personagem ainda desconhecida e visivelmente atormentada; trata-se, aqui, do tempo da enunciação, da escrituração da obra, posterior, portanto, aos fatos que serão narrados:

"Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos. Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se. É uma espécie de prostituição. Um sujeito chega, atenta, encolhendo os ombros ou estirando o beijo, naqueles desconhecidos que se amontoam por detrás do vidro. Outro larga uma opinião à-toa. Basbaques escutam, saem. E os autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como as mulheres da rua da lama.

Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagreceram. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. As escoriações das palmas cicatrizaram.

Impossível trabalhar. Dão-me um ofício, um relatório, para datilografar, na repartição. Até dez linhas vou bem. Daí em diante a cara balofa de Julião Tavares aparece em cima do original, e os meus dedos encontram no teclado uma resistência mole de carne gorda. E lá vem o erro. Tento vencer a obsessão, capricho em não usar a borracha. Concluo o trabalho, mas a resma de papel fica muito reduzida."

Observa-se que o estado emocional e psicológico do narrador não se encontra em equilíbrio: atormentado, tenta várias vezes continuar a escrever e, em muitas delas, consegue apenas rabiscar um nome: Marina, cujas letras ele começa a jogar, na criação de outras palavras. Pensa em várias coisas, como o aluguel por pagar, a conta de luz, a promissória que assinara para Moisés... Fuma e bebe muito, enquanto a "cara balofa de Julião Tavares" passa pelo seu cérebro. Recorda-se de sua infância no interior sertanejo, na fazenda do avô. Lembra a vila, a escola onde fora estudar "para desasnar".

Luís da Silva angustia-se também por questões econômicas: sente falta de dinheiro e tem raiva dos que o possuem. Recorda a morte do pai, as providências para o enterro, os credores que levaram tudo, deixando-o na miséria. Em seu tormento, mistura presente e passado, confunde o relógio da sala de jantar com o sino da igrejinha. Fala de Vitória, sua criada, que tem cinquenta anos e é meio surda:

"A minha criada Vitória anda em cinquenta anos, é meio surda e possui um papagaio inteiramente mudo. Vitória gosta de ler nos jornais os nomes dos navios que chegam e dos que saem. Não gasta nada do que recebe. Enterra tudo perto da cerca da horta. [...] Assustei-me quando ela começou a pegar meu dinheiro. Escolhi as palavras, disse-lhe que talvez tivesse perdido o dinheiro pela casa e que se ela encontrasse guardasse para mim. Ela disfarçou e trouxe as moedas."

Ao fixar-se na cidade, Luís da Silva evita falar com os vizinhos e foge do contato humano. Tem como aspiração escrever um livro e, como a casa em que mora é muito quente e abafada, passa horas sentado no chão frio do banheiro. A casa fica na rua do Macena, e foi no quintal dela que Luís viu Marina pela primeira vez:

"Afinal, para a minha história, o quintal vale mais que a casa. Foi ali que vi Marina pela primeira vez e ali nos tornamos amigos. Certamente começamos por olhares, movimentos de cabeça e sorrisos. Depois, palavra puxa palavra e criamos intimidade. Logo notei que era frívola e tinha inclinações imbecis ou safadas, como quando disse-me que eu devia mandar fazer um smoking. Ou então, quando elogiou d. Mercedes que chamou a atenção de todo mundo na igreja por causa de sua roupa. [...]"

Certo dia, vendo-me enfiado na leitura, Marina indagou sobre o livro e como não respondi, disse: "Eu também estou lendo um livro interessante, da biblioteca das moças. Muito penoso."

Marina acredita que Luís da Silva é alguém especial, já que está escrevendo um livro, e se interessa por ele. Começam a namorar. Envolvido em toda a sua miserabilidade, Luís acaba por apaixonando-se e pede-a em casamento. Marina defende sua castidade e não se entrega a ele, apesar de sua insistência: só com o casamento. Apesar da preocupação de Luís com os gastos, ficam noivos e ele entrega-lhe suas parcas economias, a fim de que prepare o enxoval e compre o necessário para a futura casa:

"Alguns dias depois Marina me chamou para mostrar os objetos que tinha comprado. Não era quase nada: calças de seda, camisas de seda e outras ninfarias. [...]"

Diante da inexorabilidade do destino, vê-se o narrador em situação difícil com o surgimento de Julião Tavares, que pretende a mesma Marina e possui, além de boa condição social e financeira, uma atitude aberta e faceira diante da vida. É, portanto, o oposto de Luís da Silva, e isto desperta o interesse de Marina. Julião aproveita a vida, desfila roupas boas, é seguro de si, ousado e inconsequente, e ela se apaixona por ele e se deixa seduzir:

"Ao chegar à rua do Macena recebi um choque tremendo. Foi a decepção maior que já experimentei. À janela da minha casa, caído para fora, vermelho, papudo, Julião Tavares pregava os olhos em Marina, que, da casa vizinha, se derretia para ele, tão embebida que não percebeu a minha chegada. [...]"

Luís da Silva fica furioso, sente vontade de esgoelar Julião Tavares. Nervoso, bebe e procura uma prostituta, a quem dá dez mil-réis, por achar que, apesar de não terem feito nada, ela ficara andando nua duas horas diante dele e não era relógio para trabalhar de graça.

Durante o encontro com a prostituta, enquanto ela andava à sua frente, Luís lembra-se da admiração que a noiva sente por D. Mercedes, uma mulher que tinha um amante e era sustentada por ele; pensa que poderá ser traído no futuro e conclui que é melhor terminar o noivado.

Marina nega veementemente qualquer interesse por Julião:

"Marina me explicou muito direitinho que eu não tinha razão. O que tinha era falta de confiança nela. Chorou, e fiquei meio lá, meio cá, propenso a acreditar que me havia enganado.

— Posso obrigar uma pessoa a não olhar para mim? Posso furar os olhos do povo?"

O namoro continua: toda tarde eles se encontram, mas pela manhã Marina fica conversando com Julião. Flagrando os dois, pois uma vez por semana sai do trabalho mais cedo, Luís queixa-se à futura sogra, que lhe afirma que isso são coisas da idade que passarão com o casamento.

Luís da Silva fica cada vez mais contrariado e revoltado. Aos poucos o casal se afasta e Julião passa a frequentar a casa de Marina. O pai, envergonhado, chega a dizer para Luís desistir de se casar com ela. Aos domingos, ele observa Julião e Marina indo juntos ao cinema e tortura-se imaginando o que estariam fazendo. Torna-se amigo do pai de Marina; os dois conversam muito na calçada e criticam os hábitos liberais de certas mulheres.

Uma noite, Luís vê Julião buscar Marina em uma "limousine", o que se repete por cinco dias, nos quais os dois vão ao teatro. Enquanto isso, Luís tortura-se com a falta de dinheiro. Apesar de sentir muito remorso, desenterra o dinheiro da criada, prometendo-se devolvê-lo em dobro. Realmente, devolve-o todo, mas a terra remexida faz Vitória desconfiar de que a estão roubando e ela se angustia.

Aos poucos, diminuem as visitas de Julião à casa vizinha. Uma tarde Luís a vê vomitar junto ao mamoeiro, e pensa que é bem feito ela estar passando mal: "Que se lixe!"

Alguns dias depois, Luís da Silva estava no banheiro — que era encostado ao da casa vizinha e de onde ele escutava tudo que se passava lá — e ouviu quando Marina chegou; percebe seu estado nervoso. A mãe de Marina vem chamar pela filha e esta confessa estar grávida de Julião e saber que ele não a quer, a não ser para divertir-se. Diz, também, que, mesmo assim, prefere-o a Luís. Luís da Silva fica desesperado e, antes que Marina o faça, termina compromisso apalavrado, argumentando que ela não era uma moça séria.

Uma noite, em que saíra a caminhar, tentando diminuir a angústia sufocante que o dominava, Luís da Silva encontra Julião, voltando da farra. Sem mesmo entender por que o faz, esconde-se e espera o rival. Estrangula Julião Tavares com uma corda e o pendura numa árvore, simulando suicídio.

Aprofundado em desespero, Luís da Silva interna-se em casa, doente e em delírios. Só depois de um mês, já recuperado, passa a escrever a narrativa.

O ódio de Luís da Silva não é apenas em relação ao mundo exterior: ele odeia a si próprio, sente-se um imundo. Bem alerta o Professor Fernando Teixeira de Andrade, em sua obra *Literatura Brasileira*, para a leitura do poema de Carlos Drummond de Andrade, intitulado "A mão suja", que, para maior clareza, transcreveu-se abaixo:

"Minha mão está suja.
Preciso cortá-la.
Não adianta lavar.
A água está podre.
Nem me ensaboar.
O sabão é ruim.
A mão está suja,
Suja há muitos anos."

Está aí o retrato acabado de Luís da Silva: sujo, irremediavelmente sujo por dentro e por fora, num mundo fétido como ele. O narrador mergulha nesse caos todo o mundo em que se desenrola a narrativa: tudo e todos são pequenos, pobres, sórdidos, carregados da mais absoluta vileza. São assim as personagens Germana, o assassino frio José Baía, o enforcado Evaristo, e outros.

Se a vida é consequência, há de ter suas causas. Que causas produzem essas aberrações? Que pode explicar tamanha desgraça? O livro refere problemas de natureza sexual de Luís da Silva: a reclusão imposta pelo pai, a vida inadapta da de adulto e a decepção com Marina, roubada por Julião Tavares. A problemática sexual da personagem é grave, já que as relações preveem sempre a sordidez.

As personagens mais importantes

- **Luís da Silva:** Tem pretensões literárias, já que acredita escrever uma obra que lhe trará a fama almejada. Tem ojeriza pelos bem sucedidos, quer material, quer intelectualmente. O narrador tem por si mesmo menosprezo: acha-se feio, pobre, infeliz, sexualmente incapaz. Aliás, admira o vigor físico alheio, embora julgue tudo pecaminoso e sujo. Entretanto, vai-lhe na própria essência a sordidez que vê nos outros: fareja safadezas em tudo e em todos.
- **Marina:** Namorada e vizinha de Luís da Silva, é moça frívola. Não é fiel às intenções do namorado e deixa-se seduzir pelo malandro Julião Tavares, que a abandona grávida.
- **Julião Tavares:** Antítese de Luís da Silva, é um gordo falador, bem de vida econômica e mau caráter. Rouba a namorada do protagonista, seduzindo-a com promessas de vida boa. Após

engravida-la, abandona-a à própria sorte e parte em busca de novas aventuras. É assassinado por Luís da Silva, que o enforca com uma corda.

- **Trajano:** avô de Luís da Silva, antigo fazendeiro que viu chegar a decadência econômica, pondo abaixo sua valentia e riqueza. Morreu esclerosado.
- **Camilo:** pai de Luís da Silva. O narrador o teve por mau caráter e violento. Parece ser grande fator da frustração da personagem principal em relação à vida.
- **Moisés:** um judeu que empresta dinheiro a Luís da Silva, seu amigo. Proclamador de pessimismos e derrotas, porém, com uma peculiaridade estranha: tem vergonha de fazer cobrança a quem lhe deve.
- **D. Adélia:** mãe da namorada Marina. Desculpa o mau comportamento da filha, julgando-a ainda infantil.
- **Seu Ramalho:** pai de Marina. Homem sisudo, que critica o procedimento da jovem filha.
- **Vitória:** empregada do protagonista. Figura repelente, feia. Tem o mau hábito de roubar o patrão e adora o dinheiro, que esconde, enterrado.

O foco narrativo

Graciliano Ramos vale-se da técnica do foco narrativo em primeira pessoa, como o faz em *São Bernardo*. Diferentemente deste, porém, cria na voz do narrador-personagem uma forte densidade que "angustia" o próprio leitor. Há um embaralhamento de emoções tão grande que pode fazer perder-se o leitor, dada a circularidade em que se registram as lembranças de Luís da Silva.

Assim, o discurso tem forma monológica, é um relato que busca rememorar o passado, uma necessidade de buscar comunicação consigo mesmo, mais que com o mundo exterior; é embaciado, obscuro, sem intenções de explicitude. Relata as experiências — sobretudo psicológicas — de um personagem incompatibilizado com o universo interior e exterior em que habita.

O tempo

O autor, embora trabalhe o tempo cronológico — há o decurso previsível de um ano, para os episódios mais marcantes, no período do primeiro governo da era Vargas — prioriza o tempo psicológico, já que torna importantes as reminiscências de Luís da Silva: reminiscências que corroem e apodrecem a alma da personagem; lembranças que o fazem um sujo.

O espaço

Como a alma e o corpo de Luís da Silva, a casa, o espaço do lar e o próprio espaço externo são medíocres, sujos, desagradáveis. Desenvolve-se o enredo em Maceió, capital de Alagoas.

Atividades

1. Em *Angústia*, a personagem Luís da Silva consegue um precário equilíbrio, um gosto amargo de vitória insossa, quando _____.
2. *Angústia*, de Graciliano Ramos é um romance _____; o narrador é _____, um tipo tímido e frustrado, inadaptado ao meio.
3. Além do narrador — Luís da Silva — são personagens, no romance *Angústia*, _____ e _____, entre outros.
4. O narrador, na obra *Angústia*, de Graciliano Ramos, é produto de uma _____ e apaixonado por sua vizinha, _____.